

# **GESTÃO DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE E TRANSDISCIPLINARIDADE: A PEDAGOGIA GRIÔ E AS CONTRIBUIÇÕES DA JUREMA SAGRADA**

ADRIANA DE HOLANDA

# GESTÃO DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE E TRANSDISCIPLINARIDADE: A PEDAGOGIA GRIÔ E AS CONTRIBUIÇÕES DA JUREMA SAGRADA

## HEALTH EDUCATION MANAGEMENT AND TRANSDISCIPLINARITY: GRIÔ PEDAGOGY AND THE CONTRIBUTIONS OF JUREMA SAGRADA

ADRIANA DE HOLANDA CAVALCANTI<sup>1</sup>

adriana.holanda@fiocruz.br  
<https://orcid.org/0000-0003-4164-7401>

### Resumo

Este estudo fundamentou-se na perspectiva da pesquisa-intervenção e se propôs a colocar em análise temas sobre memória, cultura e saúde, tendo nas narrativas das medicinas da Jurema Sagrada seu principal material de reflexão. Apresentou a pedagogia griô como uma das principais referências para a dinamização dos aprendizados acerca das medicinas dos povos tradicionais e dos lugares de saber dos mestres juremeiros a respeito dos processos saúde/doença, morte/vida. Apontou em destaque como as artes e ofícios dos povos de matriz indígena são de extrema importância para o campo das práticas integrativas e complementares em saúde, bem como os processos de ensino e aprendizado em medicinas integrativas devem incluir a relevância das especificidades das artes de cuidar nas medicinas tradicionais e seus sistemas sagrados. Destacou, ainda, a relevância dos estudos sobre a morte e o morrer relativos ao tema dos patrimônios culturais da saúde, nos estudos transversais em memória social que deflagraram a potência de valorização, reconhecimento acadêmico e social das sabedorias sagradas no cuidado em saúde.

**Palavras-chave:** Educação em saúde. Memória. Jurema Sagrada. Gestão. Transdisciplinaridade.

### Abstract

*This study is based on the perspective of research-intervention, and proposes to analyze themes in memory, culture and health, having as main material reflection the narratives of the medicines of Jurema Sagrada. Presented the*

---

<sup>1</sup> Psicóloga, mestra em psicologia pela Universidade Federal Fluminense; especialista em comunicação e saúde pela Fiocruz, doutora em memória social pela Unirio. Zeladora espiritual da Jurema Sagrada, griô aprendiz da Ação Griô Nacional (MinC), coordenação da Escola de Cultura e Saúde Semente de Jurema, gestora em Pesquisa e Ensino da Escola Nacional de Saúde Pública (Nepes-Ensp/Fiocruz).

*pedagogy griot as one of the main references for promoting types of knowledge about medicines, traditional peoples and places of knowledge of the juremeiros masters' health and teaching processes, death and life. It pointed out how arts and crafts of indigenous peoples are extremely important for the field of integrative and complementary practices in health and how the teaching and learning processes in integrative medicine must contemplate the relevance of the specificities of the arts of caring for medicines systems traditional and sacred. It also highlighted the relevance of studies on death and dying on the theme of the cultural heritage of health, in non-transversal studies in social memory, triggering the potential for recovery, academic and social reconquest of sacred knowledge, careless in health.*

**Keywords:** *Health education. Memory. Jurema Sagrada. Management. Transdisciplinarity.*

E a cigana analfabeta lendo a mão de Paulo  
Freire  
(Chico Cesar)

Essa partilha versa sobre a importância da experiência-piloto realizada com a inserção dos ensinamentos da Jurema Sagrada na prática de educação em saúde, por meio da pedagogia griô – o legado de saber-poder dessas sabedorias pelos atravessamentos que ela proporciona entre ciência ocidental moderna e os saberes e epistemologias do fazer jurema. Focalizamos, portanto, com nossa escrita as contribuições para a gestão do ensino em saúde por meio das medicinas da Jurema Sagrada, suas cosmologias, epistemologias e metodologias singulares.

Em nosso percurso na Fiocruz destacamos como experiências importantes na tríade assistência, ensino e pesquisa, três atividades: a realização do intercâmbio de Arte e Saúde Afro-brasileiras, em cooperação com a Universidade Federal Fluminense; o projeto Linguagens da Arte e Humanização do SUS; e o projeto Arte e Magia na Jurema Pernambucana, com que fomos contemplados pelo edital da Ação Griô Nacional do Ministério da Cultura.

Dessas três experimentações, selecionamos a realizada na Apae-RJ junto ao projeto Arte e Magia na Jurema Pernambucana e indicamos a importância da pedagogia griô como processo metodológico educacional que aponta contribuições para a gestão da educação em saúde pública, no que tange ao ensino em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Pics), inserindo a história e a memória social dos ofícios e saberes tradicionais associados a tais práticas.

Esse projeto possuía sinergia com as atividades da coordenação da pesquisa Linguagens da Arte e Humanização do SUS, de 2004, no qual incluímos, em nossas experimentações de educação em saúde, as práticas e os saberes relacionados à arte como dispositivo de intervenção, com linguagens de literatura, música, capoeira, teatro. As experimentações desse projeto, desenvolvido na Escola Técnica e no Instituto de Doenças Infectocontagiosas da Fiocruz, tiveram como produto final o vídeo

*Provocações do olhar.*<sup>2</sup> Nos dois espaços foram realizadas oficinas de narração, gesto, som e corpo, jogos dramáticos e intervenções com analisadores artísticos construídos e espontâneos, para colocar em análise as formas instituídas, medicalizantes e tecnicistas dos especialistas em doenças, e suas formas de comunicação, em contraste com a importância das formas instituintes de comunicação provocadas pelos dispositivos artísticos mencionados.<sup>3</sup>

Ao legado de saberes e fazeres dinamizados nessas experimentações já em intercâmbio, agregamos nossa vivência da zeladoria da ciência da Jurema Sagrada, como griô aprendiz, e a sacerdotisa Mãe Dada de Oxalá (*in memoriam*) como mestra griô junto ao projeto Arte e Magia na Jurema Pernambucana, que nasceu, portanto, concomitante aos anos de intercâmbio UFF/Fiocruz (2010-2016), e sua partilha nesta escrita é fruto da vontade de trilhar os caminhos da pedagogia griô na gestão da educação em saúde junto à Fiocruz.

## **A Jurema Sagrada**

Tradição espiritual de matriz indígena do Nordeste brasileiro, a Jurema Sagrada contempla formas de cuidar, curar e acolher a saúde de corpo e espírito em conexão com as sabedorias do meio ambiente e seus elementos. Tradição herdeira das árvores da jurema, guardiã dos encantados e da conexão entre vida e morte, da qual se extrai sua bebida. Após anos de perseguição impetrada pelos colonizadores portugueses e holandeses aos nossos povos originários no Nordeste brasileiro, houve a

---

<sup>2</sup> O vídeo e o encarte metodológico que o acompanha serviram como analisadores construídos para provocar processos comunicacionais instituídos entre equipes de saúde, usuários e seus familiares, gestores dos serviços, além de pesquisadores, estudantes e professores de ambas as unidades da instituição. O material pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/@Sementedejurema/videos>.

<sup>3</sup> Por ter sido uma experiência-piloto, buscou-se intercâmbio com o Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS-UFF), para amplificação das experiências iniciadas na Fiocruz e seus desdobramentos no ensino em arte e saúde junto ao instituto, especialmente na disciplina Seminários Experimentais de Produção Cultural, bem como com ações educativas em museus, por exemplo, o Museu de Cultura Popular Janete Costa e o Museu de Arte Contemporânea, ambos em Niterói, RJ, e a realização do projeto Arte e Magia na Jurema Pernambucana. Todas as atividades mencionadas foram efetivadas com os instrumentais da pesquisa-intervenção.

migração dos sertões para o litoral. Nesse movimento de resistência e transmutação, o princípio xenofílico da Jurema Sagrada abarcou diversos povos antigos e suas sabedorias, como judeus, ciganos, africanos bantos, entre outros. Desse legado e união formou-se a jurema de terreiro (ou jurema urbana - catimbó) que realizou a grande mixagem de saberes e fazeres mágicos/alquímicos de tantos e diferentes povos.

O desdobramento do fluxo de poder-saber da Jurema Sagrada nos trouxe outras memórias além dos índios perseguidos, assassinados, violentados por colonizadores. Potencializou o lembrar de quilombos e resistências, de modos de lutar, de acolher, de saberes que floresceram porque ficaram germinados, escondidos nas matas, nas práticas ínfimas de invenção de jeitos, táticas de estar no mundo, acolhendo irmãos africanos, “bruxas” oriundas da Inquisição e uma série de etnias e saberes, num tempo-espço de trocas e compartilhamento entre povos. Não estamos tratando apenas de exclusão e afirmação identitárias, mas de sistemas de generosidade, memória-efeito no acolhimento entre sabedorias de povos antigos.

A comunidade tradicional de Jurema tem seus começos registrados na Paraíba e em Pernambuco, e tem na pajelança indígena, no toré e no culto à árvore da jurema e seus poderes de cura, enteógenos, suas principais características. Com a chegada dos irmãos africanos, especialmente de etnia banto, os índios acolhem deles tanto a cosmologia como a linguagem e passam a fundir-se em rituais de encantamento dos saberes desses povos, o que lhes permitiu fundar o Quilombo dos Malungos, entre Pernambuco e Paraíba, no Nordeste brasileiro. Cabe destacar que a Jurema Sagrada (no contexto urbano ou rural de terreiro) é guardiã espiritual do maracatu de nação, maracatu rural, sambada de coco, cavalo marinho, ciranda, coco de toré, caboclinho, entre outras várias brincadeiras populares do Nordeste.

Nossa consagração na “ciência” da Jurema Sagrada de terreiro (ou urbana) em Pernambuco, em 2007,<sup>4</sup> nos faz amplificar a mensagem de

---

<sup>4</sup> No início das atividades da Jurema Sagrada trazida de Pernambuco para o Rio de Janeiro em 2008, identificamos que a sabedoria contida nas práticas de cura da comunidade

nossa zeladora de Jurema Mãe Dada (*in memoriam*), que sempre indicava a seus consulentes e discípulos da jurema no terreiro que fossem aos médicos “fazer o tratamento do corpo junto com o tratamento da alma”. Seguimos nesses ensinamentos acerca do legado da ancestralidade de matriz indígena apresentado na Jurema Sagrada e suas contribuições para as práticas de gestão no ensino em saúde. Esse ensinamento é para onde aponta nossa flecha como objetivo deste artigo.

### **A pedagogia griô**

A pedagogia griô é um aprendizado da vivência de rituais afetivos e culturais facilitadores da mediação de saberes que atravessam as diferentes idades, a escola formal e a comunidade, grupos étnico-raciais, tradição, ancestralidade e contemporaneidade. Interage realizando a mediação de atravessamentos de saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais, por meio do reconhecimento do lugar social, político e econômico dos mestres griôs na educação. É uma proposta pedagógica que convida à elaboração conjunta entre professores do ensino formal e os mestres das tradições informais, durante todo o processo de construção político-pedagógico de um conteúdo educacional e cultural, de construção compartilhada do conhecimento tendo como foco a expressão do vínculo com a ancestralidade e celebração da vida.

Na pedagogia griô, os facilitadores das vivências de rituais afetivos e culturais são os griôs aprendizes e os educadores griôs. A pedagogia griô tem referências teóricas e metodológicas em que apresenta a dinâmica de um povo que caminha e reinventa a roda da vida, nas pluralidades de saberes do Brasil e da África: educadores, psicólogos comunitários, “educadores”, gestores políticos e principalmente mestres griôs brasileiros e africanos (Pacheco, Caires, 2006). Afirma a educação biocêntrica de Ruth Cavalcante e Rolando Toro, a educação para as relações étnico-raciais positivas de Vanda Machado, a educação dialógica

---

tradicional poderia e deveria ser incluída num processo de gestão de educação integral em práticas de saúde.

de Paulo Freire e a educação que marca o corpo de Fátima Freire, a cultura viva comunitária de Célio Turino, a psicologia comunitária de Cezar Góis, a produção partilhada do conhecimento de Sergio Bairon e todas as práticas de transmissão oral das culturas tradicionais dos povos no Brasil.

os princípios da Pedagogia Griô se concentram na ancestralidade e na celebração da vida como centro do saber e fortalecimento do continente afetivo dos grupos no universo da educação e tradição oral; a aprendizagem e vivência de práticas, saberes e línguas de tradição oral, seus conceitos-chave e seus processos de transmissão e circulação como expressão da inteligência da diversidade da alma humana; reelaboração das práticas e saberes de tradição oral para dialogarem com o saber formal nas escolas e universidades; reconhecimento do lugar social, político, cultural e econômico dos velhos mestres Griôs de tradição oral por sua própria comunidade de origem, como estruturante para a educação, afirmação e fortalecimento da identidade e ancestralidade do povo brasileiro; valorização das redes de transmissão oral e convivência intergeracional das comunidades, reatando o fio da história entre o velho e o novo, o mundo tradicional e contemporâneo por uma ética a favor da diversidade da vida e dos povos e uma educação comunitária; reconhecimento dos mestres Griôs como autores, eruditos, sujeitos, educadores e pesquisadores em relação aos saberes das redes de transmissão oral e comunidades tradicionais (Pacheco, Caires, 2006, p. 14).

Essa pedagogia inclui ainda em seu modelo de ação, as mitologias da tradição oral e ancestral de um povo, relacionadas a histórias de vida do cotidiano e de sua ancestralidade, com suas lutas e projetos sociais, políticos e econômicos – ciências da vida, das artes e ofícios tradicionais, dos saberes e fazeres que celebram e sustentam a vida da comunidade. Nasceu da vontade de reaproximar os saberes culturais locais da educação formal (atravessar os elos perdidos de saberes pelo portal do esquecimento pedagógico), que Lillian Pacheco e Márcio Caires (2018) constataram não mais haver nas escolas da região de Lençóis, Bahia/Brasil, e por meio do pedido de permissão para a tradução e uso do termo griô, abasileirado desde 1998. Quando foram iniciadas as caminhadas do Velho Griô (personagem artístico-educador), em Lençóis, na Bahia, iniciando então as andanças pedagógicas, afetivas e culturais na figura

reinventada do “velho griô”, que nasceu do contato de Márcio Caires com *griots* do Mali<sup>5</sup> ou o *djeli*.

Os princípios da pedagogia griô são: favorecimento da ligação entre o ser e a palavra; responsabilidade entre o ser e a terra; desenvolvimento da memória; importância do conhecimento integral e integrado; rituais de vínculos afetivos na educação; vivência da rede de transmissão oral; valorização de artes e ofícios de tradição; o lugar político-social dos mestres e griôs; convivência intergeracional, histórias de vida como fonte do conhecimento; o saber e a palavra como autoria da cadeia ancestral de transmissão oral.

Os projetos político-pedagógicos da Ação Griô Nacional foram construídos entre educadores-parceiros da escola formal e os griôs das comunidades de tradição oral de diversas regiões do Brasil. O educador-parceiro é qualificado como professor, profissional da educação formalmente ligado ao quadro de trabalhadores da escola, que, sensibilizado pela inserção dos saberes das culturas de tradição oral, atua como co-construtor da concepção e da articulação da escola com a comunidade, juntamente com o griô aprendiz.

A função do griô aprendiz está na sua inserção nas comunidades tradicionais por meio de um mestre e ser aquele que vai fazer a ponte, criar elos e encontros entre o seu mestre griô de comunidade e a escola formal, para que esses continuem a caminhada de co-construção das ações em que existe a disponibilidade de um educador-parceiro em levar para a escola a construção compartilhada do conhecimento entre saberes e fazeres culturais e o saber da educação formal. O griô aprendiz auxilia

---

<sup>5</sup> Mamadou elaborou uma carta de intenções de parceria entre a Rede de Comunicadores Tradicionais do Mali e da África do Oeste e o Projeto Grãos de Luz e Griô, quando foi revelado que a palavra *griot* deriva dos portugueses, que foram os primeiros navegadores europeus a chegar nessa região, seguidos dos alemães e, só depois, dos franceses. Quando os portugueses chegaram nessas terras, viram pessoas que falavam gritando e tocando um instrumento de percussão. Estas pessoas eram os *djelis*, que têm a função de comunicadores. Os anúncios, os informes dos chefes das aldeias eram transmitidos por eles. Numa reunião com muitas pessoas, o rei tinha o *djeli* como porta-voz para transmitir suas mensagens por meio de instrumento de percussão e com um tom de voz para ser ouvido por muitas pessoas. Nas aldeias, os *djelis* emitiam mensagens caminhando em espaços públicos, utilizando batidas rítmicas no instrumento de percussão.

na inserção do mestre griô na escola e do educador-parceiro nos saberes da comunidade do griô de tradição oral. Após os primeiros encontros, ele segue na afirmação de assegurar as necessidades de mestres griôs e educadores-parceiros para realizar o trabalho, favorecendo a melhor ocorrência possível de encontros, vivências e demais atividades. Seu perfil foi traçado incluindo experiência em pesquisa e mobilização social, diálogo e mediação política; participação em grupos culturais e/ou associações locais que trabalhem com as tradições orais, entre outras habilidades.

Os lugares de educador griô e de griô aprendiz versam sobre o empoderamento das organizações da sociedade civil como mediadores do diálogo entre o universo e os saberes de tradição escrita e oral; facilitação e valorização de vivências integradoras entre as áreas do conhecimento mítico, artístico, científico, religioso, integrado à história de vida e aos saberes e fazeres tradicionais da comunidade, do fortalecimento da capacidade de auto-organização e de inclusão social da comunidade por meio do incentivo aos espaços de gestão compartilhada e de redes sociais de bases afetivas e culturais.

Para efeitos dessa escrita, faremos um recorte nas atividades realizadas na Apae, junto ao projeto Arte e Magia na Jurema Pernambucana, no intuito de explicitar a importância da experiência realizada com a pedagogia griô e seu legado para a gestão transversal do ensino em saúde.

### **O projeto Arte e Magia na Jurema Pernambucana**

A construção do projeto griô Arte e Magia na Jurema Pernambucana, em 2009, nos foi de fundamental importância para a construção de um formato em que pudéssemos fazer a partilha de saberes para além da comunidade da Jurema Sagrada de terreiro especificamente, para que pudéssemos compartilhar com as escolas formais e informais, com educadores, artistas, pesquisadores, músicos, as sabedorias que envolvem o trabalho de zelar por uma comunidade

tradicional. O projeto nasceu de uma chamada pública da Ação Griô Nacional e tinha como objetivo promover atividades de cultura e educação em escolas formais parceiras. Em 2009, a inserção de nosso primeiro projeto cultural contemplando a ciência da Jurema e a importância de sua zeladora como mestra guardiã dessa tradição se efetivou com o projeto.<sup>6</sup>

De fundamental importância foi a formação de uma política cultural do governo brasileiro fomentando o reconhecimento dos mestres e mestras da cultura popular tradicional afro-brasileira, que em diferentes âmbitos ressoava na valorização das formas de saber já adormecidas das comunidades tradicionais. A Ação Griô Nacional fomentou visibilidade de teias de artes e ofícios das comunidades tradicionais e seus saberes já em esquecimento no território brasileiro. O projeto Arte e Magia na Jurema Pernambucana nasceu em ressonância com essa vontade de uma escavação de memórias e esquecimentos: planos de montagem e gestão de saberes. Aprendizado da força desse movimento de unificação, de integralidade no acolhimento e no reconhecimento mútuo do que nos une e não do que nos segrega. Assim, mais do que garantir a preservação do que passou, a memória dessa experimentação pedagógica em saúde e não em doenças é uma aposta no porvir, no devir da espiral do tempo passado-presente-passado, na unicidade do espaço das narrativas esquecidas/lembradas/recriadas como processo de conhecimento e, portanto, de educação com a vida e seus contextos de reinvenção.

A realização do projeto Arte e Magia na Jurema Pernambucana colocou em análise em primeira instância a importância da oralidade e da ancestralidade dos povos na transmissão horizontalizada de legados de memória nas tradições africanas e indígenas para o ensino em saúde integrativa. As narrativas de um projeto feito na direção da partilha de

---

<sup>6</sup> As narrativas de jurema tecidas pelo projeto foram possibilitadas pela formação do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura, que em 2006 sistematizou a Ação Griô Nacional. Embora a chamada de projetos para compor a Rede de Tradição Oral - Ação Griô Nacional não focalizasse os saberes das medicinas dos povos tradicionais, o projeto Arte e Magia na Jurema Pernambucana se baseava na transmissão das sabedorias da zeladora de Jurema, a mestra griô Mãe Dada de Oxalá, com o manuseio das ervas sagradas e medicinais, em conjunção com a disseminação das expressões musicais conexas à tradição da jurema: a sambada de coco, a ciranda e o maracatu principalmente.

conhecimento entre comunidade tradicional de jurema e uma unidade educacional da Apae, na perspectiva da profissionalização de jovens e adolescentes em relação aos temas do trabalho, colocaram em análise a “educação especial”, em seu caráter de educação em saúde, por meio das plantas medicinais e saberes tradicionais, que também e principalmente vieram com a oferta da música de terreiro de jurema, como a sambada de coco.

Em segunda instância, a importância do projeto está no protagonismo dos lugares de escuta e aprendizados mútuos para todos os envolvidos no trabalho de construção compartilhada do conhecimento; desde sua concepção até sua “avaliação”, tudo foi construído junto com os educadores da unidade de ensino e a mestra griô Mãe Dada de Oxalá. Essa é uma das diferenciações fundamentais dessa pedagogia como promotora de atravessamentos de saberes. As propostas de atividades devem ser construídas conjuntamente com os mestres da cultura, desde a concepção, passando pela realização até a finalização, incluindo avaliações e os produtos/processos gerados pelas atividades. Os mestres e mestras das culturas e sabedorias ancestrais não são apenas convidados a participar de aulas, eventos e vivências formulados por professores acadêmicos ou especialistas em administração escolar. Os mestres na pedagogia griô são educadores também, protagonistas de toda a elaboração e execução das atividades e de como a escola formal pode aprender com eles em todas as etapas educacionais.

Nesse sentido, tanto a educadora da Apae como a mestra griô Mãe Dada foram cuidadosamente ouvidas, e as temáticas a ser trabalhadas e vivenciadas com os alunos foram tecidas em encontros entremeados pela griô aprendiz, na construção coletiva das atividades e da especificidade de cada saber, de cada pessoa, incluídos os estudantes. Nesse sentido foram estabelecidas aproximações com a direção da escola profissionalizante, professores e funcionários responsáveis por alimentação e limpeza, além dos próprios estudantes. As músicas da jurema selecionadas guardavam forte conexão com ensinamentos da

natureza, da forma respeitosa e harmônica como os povos tradicionais lidam com os ciclos de ensinamentos do meio ambiente.

Em terceira instância, a eleição coletiva dos temas geradores das atividades: as questões iniciais giravam em torno de como partilhar os ensinamentos da tradição da Jurema Sagrada de Pernambuco no espaço da educação formal no Rio de Janeiro. Nesse sentido, foram construídos espaços de diálogos, reuniões para a seleção de materiais e formatos de realização. Nada estava predefinido. Tudo foi construído de forma coletiva. Levantou-se quais eram as dinâmicas e aprendizados formais que os estudantes estavam desenvolvendo naquele momento, para que houvesse conectividade com o cotidiano dos estudos realizados no centro profissionalizante, em que as tradições dos saberes da Jurema Sagrada se integrassem aos temas geradores relevantes para a comunidade escolar. A integração não é adaptação ao contexto escolar formal, mas está em atravessar e colocar em análise como a arte e magia da música e das plantas podem ganhar sentidos nos aprendizados.

Outro ponto ou uma quarta instância importante foi preparar/sensibilizar/encantar a escola para receber a mestra griô e seus ensinamentos. Um processo de construção atenta com o griô aprendiz, que envolveu meses de escuta, pesquisa e seleção de materiais, observação do espaço escolar e das questões importantes a ser transmitidas, mantendo a preservação de valores, segredos e silêncios fundamentais do ritual sagrado. Somente após essa primeira aproximação, passou-se ao segundo momento de realização/execução das atividades com os estudantes e profissionais da escola.

Em geral, a atividade dentro de um projeto que tem como referencial a pedagogia griô pretende dialogar com uma ou mais disciplinas da educação formal. No caso de nosso projeto estabelecemos a parceria com o professor de história, Walmir Dias, e com a coordenadora pedagógica da escola. De tal forma, que mais do que articular a história do Brasil e suas plantas medicinais e sagradas, articulamos também uma aula de saúde coletiva pela cultura da jurema pernambucana, entendendo que os processos de saúde e doença são componentes

espirituais importantes, seja em sua relação com a terra, o plantio, ou com os humanos, na ingestão de alimentos e bebidas, por exemplo.

O objetivo das atividades não era apenas ofertar um espaço de divertimento ou de iniciação musical, mas, especialmente, disseminar as memórias da tradição cultural pernambucana, por meio da música e promoção da saúde física e mental, forjando efeitos de uma “musicoterapia ancestral”. As atividades de aprendizado dos ritmos e ritos eram sempre associadas aos saberes que envolviam o cuidado com a ancestralidade, com os mestres da cultura que zelam pela continuidade inventiva da tradição sem a traição/atração do mercado das doenças. Estavam abertos os ciclos de espaços de aprendizados griôs.

Junto à musicalidade, estimularam-se as vivências com as ervas, plantas e flores utilizadas nos rituais de jurema, e a conexão entre plantas e música, acolhendo o aprendizado de ser e sentir, tocar e cantar atravessados pelos mais diversos temas de aprendizado que o grupo de estudantes e professores estivessem desenvolvendo em suas aulas. Movimento de partilhas mútuas, entre o que as plantas e músicas ensinam, e o que a escola apresentava como tema de aprendizado a seus estudantes, gerando efeitos para a sala de aula e a vida.

Nas atividades realizadas na Apae, a cada encontro uma planta sagrada era apresentada aos alunos, ressaltando seus aspectos medicinais: plantas que relaxam, estimulam, ajudam a respirar melhor, facilitam os processos digestivos e anti-inflamatórios. E cada planta apresentada tem seu guardião espiritual, para o qual a música propícia era cantada e tocada, a fim de ativar seus poderes mágicos de cura, para pedir permissão à terra, para ativar o poder das mãos que iriam preparar chás e banhos de ervas. Eram ofertadas aos alunos e professores as

**Figura 1:** Projeto Arte e Magia na Jurema – Apae

Fonte: Acervo pessoal.



histórias dos usos das plantas sagradas na tradição da jurema, que são academicamente chamadas de medicinais.

Outro ensinamento foi destacar que cada planta guarda uma energia espiritual específica, e a importância de ser orientado no seu uso, que tanto pode ser remédio como veneno (como algum componente da planta poder causar alergias, por exemplo), dependendo da dosagem e de interações, com plantas e músicas. Construímos a interface entre plantas e músicas medicinais no caminho de acolher os estados emocionais humanos. E aos poucos, junto com cheiros, sabores e saberes, com o contato com as plantas, eram produzidas músicas aos ritmos do coco, ciranda e maracatu em que coletivamente se descreviam e sentiam os ensinamentos recebidos e ofertados.

Outras vezes apresentávamos as histórias dos guardiões espirituais das folhas, como caipora e outros seres da floresta e das energias espirituais dos índios presentes na Jurema Sagrada. Não havia medo nem preconceito por parte dos alunos, pois tudo se fazia com brincadeiras e cantigas, com instrumentos musicais da cultura popular pernambucana, que traziam em si o encantamento e a vontade de saber, que era despertada pelo som da música e o cheiro das plantas. Entre flechas imaginárias, e às vezes de brinquedo, íamos tecendo elos entre a memória, a diversidade dos saberes e o conhecimento escolar. A diversidade de cheiros e sons trazia conforto, autoestima, pertencimento e construção de elos com narrativas compartilhadas sobre a história dos povos originários. Assim como a condição de preparar-se profissionalmente para ingressar no mercado de trabalho, sendo portador de “deficiências” intelectuais, físicas ou síndromes de diversas ordens.

As histórias de plantas e músicas se enriqueciam com as narrativas das mitologias afro-asiáticas e afro-brasileiras que nossa mestra grão narrava. Elas deslocavam a questão da “deficiência física e mental”, do processo de doença para um estado de bem-estar e de saúde, entendida como produção de vivências criativas de outras subjetividades, de outras narrativas de memórias. As limitações do corpo eram abordadas junto das mitologias e narrativas de tradição oral dos diversos povos tradicionais que

encontraram “morada” na Jurema Sagrada, que narravam a formação do corpo humano e de suas capacidades, diante da perspectiva da integralidade corpo-mente-espírito.

E uma quinta instância de importância dessa metodologia pedagógica griô veio do que seria o momento de “avaliação de resultados”. Trazendo os ensinamentos da pesquisa-intervenção, nos implicamos com os efeitos provocados pelos temas geradores, pelas práticas de ser e sentir produzidos no cotidiano escolar pelos dispositivos da música e plantas na tradição da Jurema Sagrada.

O efeito memória colocou em análise o memorar dos saberes e fazeres dos índios e de jovens “portadores de síndromes e deficiências” neurológicas diversas de várias ordens, as narrativas sobre fazer saúde e não apenas viver com uma “doença”, o compartilhar de histórias de resistência frente à exclusão social, de narrativas que não se ouviam contadas em outros lugares, que não encontravam caminhos nos assentos das escolas formais, nos livros didáticos oficiais ou nos compêndios da história social e cultural brasileira, salvo como doentes, selvagens, deficiências, incapazes. Destacamos o fato de que nosso educador-parceiro era o professor de história da escola.

Efeito diagnóstico diz respeito ao efeito provocado sobre ser e sentir, perceber como é estar no mercado de trabalho e sob as imposições da medicina ocidental acadêmica especializada em doenças. A formação da doença social do preconceito, das ausências de memória ao reconhecimento da diversidade humana que as culturas nos ensinam foram reflexões sobre que processos de saúde e doença respondem às rotulações e aos diagnósticos fragmentados da medicina especializada do Ocidente contemporâneo.

As experiências do projeto reforçaram a ideia de que a pedagogia griô possui passos e etapas importantes na consolidação de projetos político-pedagógicos na educação em saúde, atendendo aos princípios e valores da Política Nacional e Humanização do SUS e da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Pics), tal como

indicado na tese em memória social sobre as medicinas tradicionais (Cavalcanti, 2021)

### **Jurema Sagrada e a pedagogia griô: gestão transversal na educação em saúde**

Partindo das experimentações realizadas com as sabedorias da Jurema Sagrada e da pedagogia griô, inferimos sua importância como uma das metodologias fundamentais para a gestão transversal do ensino em saúde. Com a Jurema Sagrada aprendemos que a sabedoria dos povos tradicionais é anterior e não capturada pelas grades coloniais do conhecimento nem pelas grades curriculares e disciplinares da ciência ocidental moderna. O ensino das práticas integrativas e tradicionais em saúde deflagra a noção de que as sabedorias ancestrais/espirituais das comunidades tradicionais de matriz indígena/povos originários são anteriores à instituição da ciência ocidental moderna, baseada em evidências. E, portanto, funcionam de outra forma. São saberes que apresentam metodologia de ensino e aprendizagem atravessada pelas culturas e suas dinâmicas espirituais nos processos de saúde e doença como vivências.

Nesse viés, as correlações entre modos de realização dos processos educacionais e suas variáveis em contextos geográficos, acadêmicos e comunitários se apresentam como formas de atravessamento e não almejam aplicabilidade dos resultados encarcerados pela colonialidade científica baseada em evidências, mas dos processos de modos pedagógicos integrativos, inventivos e intergeracionais, ancorados pelos saberes ancestrais e de tradição oral.

Relembrando os ensinamentos gerados na experimentação do projeto, destacamos os seguintes legados para a gestão transversal no ensino em saúde:

- Os mestres e mestras das culturas e sabedorias tradicionais/ancestrais não foram apenas convidados a

participar de aulas, eventos e oficinas. Eles foram e são educadores também.

- As músicas e as artes sagradas são textos educacionais.
- A permanência da horizontalidade da diversidade de saberes nas formações acadêmicas, sagradas e de vida.
- A construção compartilhada do conhecimento: tanto os educadores da escola como a mestra griô tiveram seu espaço de escuta, fala e escrita respeitados num fazer junto e não em competir separados.
- O griô aprendiz como gestor do fluxo entre processos e pessoas na educação em saúde, como o conector de formas diversas de aprender e ensinar, de ações de conexão entre a escola formal e o saber tradicional.
- “Avaliação da Atividade Pedagógica”: os temas geradores produzem efeitos de saberes na educação em saúde para todos os implicados no processo de diferentes formas. O modo como se realiza é tão importante quanto o “resultado” ou “produto” do que se realizou.
- Gestão compartilhada do conhecimento é uma forma pedagógica transdisciplinar de conhecimentos e saberes em saúde.
- Mestres griôs não são “objetos” do conhecimento acadêmico, mas educadores ativos de todos os processos de atividade educacional, desde a concepção do plano de aula, da vivência e oficina, até a mediação da atividade e sua “avaliação final”.

A vida contemporânea, assolada por inúmeras doenças individuais e sociais produzidas pelo sistema pedagógico e mercadológico da educação formal, nos apartou desses saberes e impôs adoecimentos de diferentes ordens, fossem psíquicos ou somáticos, mas especialmente pela dimensão do sagrado no ensino e cuidado em saúde. O que nos faz ancorar a primaz importância de metodologias e suas formas de gestão de ensino agregadoras de saberes.

Essas experiências e vivências profissionais colocaram em análise o que é e como é fazer a gestão do ensino em saúde, para além de executar ações administrativas. Colocam em análise que gestar o fazer pedagógico em saúde não deveria ser somente a execução de tarefas administrativas na “chibata pedagógica” de modo horizontalizado, mas um gestar que é estar no entrelugar, entre pessoas e processos, tal como nos inspira o perfil/função do griô aprendiz.

Gestar a educação de modo transversal é esse entrelugar/fazer/viver/sentir/saber em que ambos confluem na construção compartilhada do conhecimento em saúde integral. Gestão refere-se aqui à maneira como fazer acontecer os modos de inventar/realizar uma pedagogia transversal mandalar.

Gestar que vem semeado por essas vivências com as medicinas e saberes tradicionais, desenhado não como “verdade modelar” reprodutiva e extrativista (Fasanello, Porto, Nunes, 2018), mas como traço experiencial a partir do aprendizado com o saber-fazer das vozes ancestrais de nossos antepassados, antes calados, revelando as narrativas de seus saberes vivenciais. Gestar também é ocupar lugares de escuta desses saberes e inventar as formas da colheita do que foi semeado no silêncio forçado na chibatada da colonialidade dos saberes. Gestar é também contribuir para o fazer fluir os saberes que atravessam as ciências modernas formalizadas. E esses saberes nunca frequentaram a escola do colonizador, eles estavam e estão na vida cotidiana das pessoas fora da escola formal.

Invenção da desconstrução de molduras pedagógicas cimentadas e instituídas pelas disciplinas estagnadas postas em análise pela força instituinte de uma construção atravessada entre o aprendizado com as pedagogias insurgentes, mas também com o que nas medicinas (entendidas como arte de curar) da Jurema Sagrada chamamos da “ciência mestra” – sabedoria espiritual de matriz indígena, aliançada pela força viva dos mortos encantados na natureza viva, que tem a nos ensinar sobre a gestão da mixagem de saberes/fazeres.

Os trabalhos vivenciais da Jurema Sagrada, de aprendizado com a pedagogia griô, o intercâmbio em Arte e Saúde UFF/Fiocruz e a

coordenação do projeto Arte e Humanização da Comunicação no SUS foram linhas desse rizoma de formas transversais de gerir a educação em saúde ancoradas pelos elos de narrativas de memória. Essas narrativas – não só de palavras, mas de gestões, intenções, saberes, imagens – foram compostas pela transversalidade entre formas de aprender e ensinar e os modos de cuidar da saúde/doença. Esses modos práticos e teóricos de aprender/ensinar fincados por elos na ancestralidade de povos antigos apresentados na Jurema Sagrada e suas teias de poder/saber com os esquecimentos contemporâneos, nos impelem a colocar em análise o antigo e o novo em seus efeitos transformadores das formas de gerir o ensino em saúde, e suas cadeias de transmissibilidade/valorização de saberes de cura física, mental e espiritual.

Os legados de saberes da Jurema Sagrada para a gestão do ensino em saúde nos convergem a Gondar (2003), segundo quem todo poder político pretende controlar a memória, selecionando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, que o poder não apenas opera uma seleção entre recordações já existentes, mas produz a própria lembrança. E que se o poder é um jogo de forças, podemos afirmar que a memória também pode ser dispositivo desse poder, de resistência. E como dispositivo móvel pode operar efeitos de memória ou de esquecimento.

Aqui se trata de uma memória do futuro que o passado nos ensina, que caminha na espiral, mas também de força contra o represado, recalcado, manipulado, editado, o esquecido. Em ressonância com essa vontade de uma escavação de outras memórias e formas de transmissibilidade, os planos de montagem e gestão de saberes e princípios da pedagogia griô foram os portais do retorno à memória ancestral de matriz indígena; fomentou encontros, redes, parcerias, trocas, reconhecimento, visibilidade de teias de artes e ofícios das comunidades tradicionais e seus saberes espirituais e culturais outrora esquecidos/excluídos na gestão da educação formal em saúde no Brasil.

Uma gestão transversal na educação em saúde deve inserir em sua prática pedagógica a ação dialógica entre saberes diversos, ter como potência a valorização dos ofícios e artes sagradas de cura e cuidado que

a Jurema Sagrada promove na saúde humana, especialmente uma sabedoria vivencial da relação entre as ervas medicinais e a musicalidade.

Como analisadores pedagógicos oriundos dessa experimentação continuamos a estabelecer análises na formação em saúde, propondo a construção do inventário participativo dos patrimônios culturais imateriais da saúde junto à Fiocruz. Essa abordagem metodológica ancorada na pedagogia griô foi abordada na tese de doutorado em memória social (Cavalcanti, 2021).

A pedagogia griô ainda nos informa sobre a importância das cadeias de transmissão (comunicação em saúde) engendradas pelos griôs aprendizes, aportadas numa rede de comunicação não violenta na saúde integrativa, dado que aponta para a formação dos agentes comunitários de saúde como elos importantes a ser sensibilizados na cadeia de transmissão oral. Afirmando as artes do sagrado dos povos tradicionais e seus saberes espirituais como processos de sensibilização da conquista dos espaços formais de educação e assistência em saúde integrativa, atravessando temas geradores da ciência formal, baseada em evidências, e a ciência não formal, baseada em vivências, nas suas contribuições para educação integrativa em saúde. Destacamos que a pedagogia griô tem como valores referências metodológicas para sua inserção na educação em saúde integrativa:

- ligação entre o ser e a palavra/rede de transmissão oral – cadeias de transmissão na sensibilização dos agentes, gestores e trabalhadores da saúde e suas comunidades em Pícs;
- responsabilidade entre o ser e a terra – abordagem dos contextos sociais, culturais e espirituais na educação em Pícs;
- valorização de artes e ofícios de tradição – construção de planos políticos pedagógicos em educação e saúde integrativa;

- lugar político-social dos mestres e griôs – reconhecimento dos diversos saberes que compõem o SUS e suas práticas integrativas em saúde;
- convivência intergeracional – constituição e intercâmbios de aprendizagem em cuidados em saúde entre diferentes gerações;
- histórias de vida – a importância das formas de viver que compõem os estados de saúde e doença;
- autoria da cadeia ancestral – afirmação da importância da ancestralidade para a saúde integral;
- gestão compartilhada de saberes como fonte de conhecimento baseada em vivências na educação em saúde;
- espaços de escuta dos saberes de todos – equidade na comunicação humanizada em saúde;
- rituais de vínculos afetivos – a observação e inserção dos diversos contextos afetivos na promoção da saúde corpóreo-espírito;
- desenvolvimento da memória – atividades de autoria da própria história e poder de escolha de trabalhadores e usuários do SUS na promoção da saúde integrativa;
- conhecimento integral e integrado.

Assim como a pedagogia griô nos ensina a fazer conexão entre culturas e o campo da educação formal, podemos transpor esse fazer pedagógico para o ensino da saúde formal atual, que cuida de adoecimentos e sua prevenção. Essa escrita é um convite à inserção das artes e dos ofícios sagrados das comunidades tradicionais, como fundamentais para o ensino em saúde de forma transdisciplinar, tendo a memória como um dispositivo de intervenção, apontando o caminho da formação filosófica e mitológica no cuidado com os contextos culturais e espirituais como determinante social da saúde, como saberes fundamentais para grade curricular na formação da educação em saúde – a partir dessa metodologia mandalar e transversal, que pode nos

oferecer os passos na construção de uma educação integrativa e humanizada, que abarque os temas apontados pelas Pícs e medicinas tradicionais na saúde, incluindo a espiritualidade e suas medicinas sagradas.

Junto à Fiocruz nos ocupamos de amplificar esse convite ao fazer junto na gestão do Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepes-Ensp/Fiocruz), na construção de metodologias colaborativas (Fasanello, 2018) coletivas, afetivas e plurais durante todo o processo educacional sem discriminação/exclusões daqueles que não possuem título acadêmico de professor e/ou pesquisadora. Na trajetória desse núcleo de pesquisa e ensino realizaram-se as edições dos Encontro de Saberes e de disciplinas na pós-graduação em saúde pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp), coordenados por Marcelo Firpo Porto, a partir das metodologias colaborativas co-construídas com Marina Fasanello e toda a equipe do núcleo, que vêm trazendo essa inserção dos pesquisadores dos territórios tradicionais, rurais e urbanos, para suas partilhas como educadores no ensino em saúde.

O notório saber dos mestres da cultura popular tradicional, e as contribuições das experiências de pesquisa tanto no território como na academia, destacadas nesta escrita, também ressoam com as ações realizadas pelos Encontro de Saberes da Universidade de Brasília realizadas pelo professor José Jorge de Carvalho, cuja escrita acerca das epistemologias transversas (Carvalho, 2023) destacamos.

E nessa função de inventariar os patrimônios culturais imateriais da saúde seguimos na espiral de ações geradores acerca da importância da pesquisa-intervenção para a gestão do ensino em saúde transdisciplinar; a escuta ativa e sensível dos mestres na composição de cursos de formação sob o reconhecimento institucional da Fiocruz, a patrimonialização e salvaguarda dos saberes e fazeres dos mestres da cultura tradicional brasileira como seu notório saber.

Além de nossa inserção no Neepes, cuja relevância na gestão das formas de ensino em saúde pública na instituição e territórios a ela

externos, também destacamos a realização da mostra de práticas das comunidades tradicionais da Jurema Sagrada, tanto no contexto da jurema xamânica das aldeias/tribos como nas comunidades de terreiro no contexto urbano, disseminados na Fiocruz junto ao Ideia SUS/Presidência Fiocruz.

Por fim, cabe destacar que tanto a pedagogia griô como as formas pedagógicas das medicinas da Jurema Sagrada propõem um atravessamento de saberes entre os conhecimentos formais contemporâneos e os saberes tradicionais não formais. Não se tratando de substituir um saber pelo outro ou de considerar que um seja melhor ou mais importante que o outro. Aprendemos com a pedagogia griô e com as comunidades tradicionais que todo saber é importante, e como inserir esses saberes gestando de forma transversal a produção do conhecimento é nosso desafio.

## Referências

CARVALHO, José Jorge de. Epistemômetro. Uma metodologia para a descolonização e transformação do currículo das universidades brasileiras. *PragMatizes – Revista Latino-americana de Estudos em Cultura*, Niterói, ano 13, n. 25, p. 302-345, set. 2023.

CAVALCANTI, Adriana de Holanda. *Narrativas de memória e Medicinas Tradicionais: A Escola de Cultura e Saúde Semente de Jurema. Tese (Doutorado)*. UniRio, Rio de Janeiro, 2021.

FASANELLO, Marina; PORTO, Marcelo; NUNES, João Arriscado. Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando saberes e sentidos para emancipação social. *Reciis*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, out.-dez. 2018.

GONDAR, Jô. Memória, poder e resistência. In: *Memória e espaço: trilhas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

PACHECO, Lilian; CAIRES, Márcio (orgs.). *Pedagogia griô. A reinvenção da roda da vida*. Lençóis: Minc, 2006.

PACHECO, Lillian; CAIRES, Márcio. Dossiê Pedagogia  
Griô/Construção Compartilhada do Conhecimento. *Revista  
Diversitas*, São Paulo, 2018.

**Recebido em:** 11 de junho de 2024

**Aceito em:** 11 de julho de 2024